

11 de Setembro: um ano depois

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Um ano depois, o mundo não é mais o mesmo. Ninguém esquece – ou melhor – a ninguém é permitido esquecer aquele dia de terror e morte e tudo que ele encerrou e ainda encerra. Os milhares de vida soterrados sob os escombros das torres gêmeas não calam seu grito de horror e súplica por paz e sentido. E mais: fica o sem sentido ou a crise em que entrou o sentido que parecia existir ao se constatar a ligação sempre mais estreita entre religião e violência que os acontecimentos de um ano atrás trouxeram à linha de frente da vida e parecem seguir existindo.

Creio que o que ocorreu no dia 11 de setembro pode ser definido como uma luta de deuses. Não é este certamente o único aspecto desta imensa tragédia, mas está certamente entre os vários aspectos e sobretudo na motivação profunda das pessoas que se prestaram a ser os autores kamikazes, suicidas dos atentados. A partir disso, muitos voltaram suas atenções para o islamismo como religião e começaram a pensar que todo muçulmano tem a aspiração de morrer lutando por Alá seu Deus, no que se chamaria de Guerra Santa.

Um ano depois, toda radicalização é temível e é preciso sem dúvida matizá-la se não desejarmos dizer impropriedades. Há diversas correntes dentro do Islamismo. A que vimos em ação no dia 11 de setembro de 2002 é a mais extremamente radical, e literal na interpretação das palavras do Alcorão. Na verdade o que Maomé diz no Alcorão é que dentro da jihad, a Guerra Santa, existem a pequena e a grande jihad. A grande jihad é a luta interior do muçulmano para submeter o ego a Deus e ser realmente um homem de Deus, um homem espiritual. O pequeno jihad é a luta externa que sempre esteve presente na história do Islã porque este surgiu num contexto conflitivo.

Existem além disto as circunstâncias históricas: o Islã surge quando as duas outras religiões monoteístas já tinham corpo, estabilidade no mundo; e surge dentro de uma Arábia dividida, quando os povos árabes justamente desejavam e pretendiam fazer sua unificação. Um dos sonhos de Maomé é fazer a unificação do povo árabe, coisa que lhe foi bastante difícil. Então as lutas externas mesmo as internas para a consolidação do Islã foram uma marca na sua história.

Não quer isso dizer que as outras duas religiões também não tenham tido as marcas de violência em seu caminho. O cristianismo tem na sua história a Inquisição, as Cruzadas, as guerras de religião, enfim vários episódios realmente violentos. E quanto ao judaísmo, se olharmos o Oriente Médio, vemos que ainda hoje, lamentavelmente, a violência ainda fere as relações entre israelenses e palestinos.

Tudo isso demonstra que hoje estamos diante de um fenômeno diferente e instigante. Vivemos a passagem da crise da modernidade, a que se chama erroneamente, ou não, pós-modernidade. As profecias dos mestres da suspeita de que a religião iria desaparecer do mundo parecem já estar desmentidas, não só pelos acontecimentos do dia onze de setembro mas pela eclosão de novas e diferentes religiões, de maior ou menor porte, de mais longa ou menor tradição, que surgem ou crescem a cada dia diante dos nossos olhos. Em suma, não parece que o trabalho da secularização tenha sido tão definitivamente predatório em relação à religião.

Neste contexto, já há algum tempo vem se percebendo a presença inquietante do Islã que se agiganta dentro do ocidente. Dentro dos Estados Unidos existem quarenta milhões de muçulmanos, somando árabes, africanos, e os que se convertem em número altamente respeitável. O Islã é a segunda religião da Europa hoje em dia, e é impressionante ver nas capitais européias os sinais externos visíveis de sua presença. Presença essa, portanto, que já vem, não de forma tão brutal e assustadora como no dia 11 de setembro. Mas que paulatinamente se torna presente em nossa sociedade ocidental de forma visível e preocupante, veiculando valores, prioridades que nos são completamente estranhas e indo na contramão de nossas sociedades modernas e ocidentais, com suas mulheres vestidas de xador, as burkas das afegãs, a oração cinco vezes ao dia praticada onde quer que seja: nos aeroportos, no campus das universidades, etc.

Com o que aconteceu no dia 11 de setembro, essa religião virou por um lado o vilão da vida ocidental, da tranquilidade, do “american way of life”, da segurança da qual os Estados Unidos eram a capital, do inexpugnável, da fortaleza intransponível do capitalismo bem sucedido. Alguns pilotos kamikazes – aparentemente sob o comando de um milionário saudita cria da CIA - acabaram com esse sonho em coisa de minutos. Por outro lado creio que esses acontecimentos fizeram o ocidente se questionar sobre diversas coisas extremamente profundas que a corrida em direção ao progresso, ao ganhar dinheiro, ao triunfo do capitalismo, não deixavam espaço para refletir. Por exemplo, a morte.

A cultura americana nega a morte, camufla a morte, seja banalizando-a nos filmes de cow-boy, onde morrem quatrocentos mil a cada minuto, seja disfarçando-a, maquiando os mortos. Há toda uma indústria de maquiagem o morto, botar o morto sentado com chapéu, para que? Para fingir que não está morto? No entanto, é assim que acontece. E de repente os americanos tiveram que encarar a morte de frente e tiveram que ouvir do representante da Al Qaeda: “você têm milhões de jovens americanos ansiosos para viver e nós temos milhões de jovens muçulmanos ansiosos para morrer”.

Declaração sobremaneira impressionante por tratar-se da inversão de tudo: a vida vira a morte e a morte vira a vida nas palavras daquele porta voz que diz que os jovens muçulmanos estão ansiosos para morrer. Isso para eles é a vida, é encontrar Alá e a felicidade. Enquanto que nossa sociedade ocidental coloca sua felicidade exatamente aqui, no aqui e no agora, no material, no já. E por ter medo de morrer, não encara a morte de frente, e quer viver a qualquer preço.

Parece-me que ainda agora essa camuflagem da morte continua sendo feita. Se continuarmos enquanto Ocidente não aprendendo as lições da história, não olhando na cara da realidade, da morte, da pobreza, dos pobres oprimidos que nos questionam a cada dia a partir da sua condição subumana, e que sobrevivem, enquanto do lado de lá acumula-se luxo e esbanjam-se recursos, dificilmente seremos capazes de administrar os conflitos que se seguiram, se seguem e se seguirão ao dia 11 de setembro. Nos momentos seguintes ao atentado, vimos o ataque ao Afeganistão. Neste momento, nos preparamos para presenciar a invasão bélica do Iraque.

Penso que esses acontecimentos nos deixam várias perguntas similares a essas que são sempre as últimas perguntas do ser humano: as perguntas pelo sentido da vida. E nos trazem a nostalgia dos valores que a mesma América que agora ataca quem a atacou nos ensinou a amar e praticar: a liberdade, a democracia, o respeito aos direitos das pessoas.

O atentado cujo aniversário agora celebramos evidenciou o fenômeno da globalização da violência. O arbítrio e o poder parecem tender a substituir o direito nas relações entre as pessoas e os povos.

Tudo isso só poderá ser superado se à globalização da violência contrapusermos, como diz Frei Betto, a globalização da solidariedade e da justiça. E essa face luminosa da globalização implicará certamente em respeitar os povos e as religiões em suas diferenças e em não responder à violência com violência, pelo menos enquanto todas as soluções pacíficas não tiverem sido esgotadas. É isso o que nos ensina o evangelho de Jesus Cristo, que proclamamos ser a boa nova que sustenta nossa fé e nossa esperança.